

**DE MUSA À PENA: A ESCALADA EMANCIPATÓRIA FEMININA NA E PELA
LITERATURA ERÓTICA BRASILEIRA E A LACUNA QUANTO AO NORDESTE:
UM ARTIGO CIENTÍFICO À GUIA DE RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Rosana Letícia Puginaⁱ

RELATO DE EXPERIÊNCIA



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Compartilha Igual 4.0 Internacional

ⁱ Doutora em Estudos Literários (Unesp/FCLAr) com Estágio Doutoral na Universidade Nova de Lisboa por meio de uma Bolsa concedida pela Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professora Tutora nos cursos de Pós-Graduação a Distância do Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) – Ensino de Português, Literatura e Redação e Teorias do Discurso e do Texto – nas seguintes disciplinas: Ensino de Leitura e Interpretação de Texto e Teorias Linguísticas para os Textos Literários respectivamente. Membro Fundadora do Grupo de Estudos Filhas de Avalon. *E-mail*: rosana.pugina@unesp.br.

*Gosto de ser beijada
nos meus territórios escondidos
porque sinto minhas terras
molhadas
e o outono em que me encontro
retorna em flores,
primavera.*

Regine Limaverde

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Em atenção ao fato de que abordarei mulheres como musas e, em movimento emancipatório, como autoras, é imprescindível que sejam feitas algumas observações acerca da edificação dos papéis sociais em coletividades patriarcais como o é a nossa. No seio destas, as identidades da mulher e do homem são construídas por meio de obrigações que são discriminadas a partir das diferenças culturais que as separam.

Portanto, pela ótica patriarcal, devido à capacidade fisiológica feminina de dar à luz, cabe à mulher a ocupação do ambiente doméstico e, como desdobramento, todas as outras atividades além da maternidade, tais como a manutenção da ordem da casa e a educação das/os filhas/os. Já ao homem, considerado o provedor do lar, cabe a ocupação do ambiente público, sobretudo pela via do trabalho e das suas conseqüentes relações sociais. Para que tal engrenagem funcione, a sociedade investe muito na naturalização desses papéis, normalizando as condutas – o que é inscrito, na cultura, como pertencente à “natureza” feminina ou masculina.

Como as atividades domésticas são muito desvalorizadas quando comparadas às atividades da esfera pública, surge daí a ideologia de supremacia do homem perante a mulher, a qual é duplicada secularmente pelo discurso patriarcal que se arquiteta exatamente por meio dessa voz dita superior. A partir desse prisma, a célebre frase da filósofa francesa Simone de Beauvoir, citada em seu livro *O segundo sexo* (1967, p. 9), elucida-se: “Ninguém nasce mulher; torna-se mulher”.

Obviamente, há outros mecanismos que favorecem a reiteração dessa ideologia. Para isso, como um meio decisivo, está o discurso religioso, do qual descende, por milênios, a desvalorização da imagem da mulher, a “filha de Eva”, ou seja, a primeira pecadora. Da Idade das Trevas para cá, perpassando pelo maior genocídio ginecofóbico que a Humanidade conheceu até agora, a *Caça às Bruxas* (do século XV ao XVIII), a crença na danação da mulher e o seu lugar como ser diabólico e hipnotizador de homens foram sendo perpetuados pelos séculos até a atualidade. Vale mencionar que o cenário hodierno é bem mais aberto e frutífero

para os debates feministas, principalmente depois da deflagração do Movimento Sufragista no final do século XIX.

Sobre a atualidade, enfaticamente após a Revolução Sexual dos anos 60 e 70 do século XX, dentre as novas formas de enfrentamento do cenário misógino enraizado, a mais importante é aquela que nos liberou da maldição de “pecadora original”. A partir desse momento, deixamos de considerar a não gravidez como pecado, passamos a separar a função procriadora do orgasmo e, como consequência, adquirimos a possibilidade de nos realizarmos nas duas situações: na maternidade e na cama. Em resumo, essa transformação inédita desestabilizou as relações de poder entre os sexos pelo questionamento das estruturas tradicionais do casamento cristão. Como arremate, temos saído da posição de musas e nos aproximado da pena para que possamos, finalmente, começar a nos escrever por nós mesmas em oposição à forma sexista com a qual vimos sendo escritas e descritas por mãos masculinas até bem pouco tempo atrás.

Nesse contexto, é válido salientar também que, com o advento da *internet*, o espaço para que uma voz apagada secularmente possa ecoar tem sido bastante buscado pelas “maiorias minorizadas” em suas demandas de combate às discriminações de sexo, orientação, raça, idade, adversidade física, classe, etc. Ao longo dessa luta, cada agente procura conceituar seus ideais, desejos e questionamentos, caracterizados por um forte apelo responsivo frente à realidade de seu tempo.

Assim, é notável que a amplificação das vozes feministas nesse espaço é bem mais potente, entretanto, o inimigo das mulheres continua o mesmo: o patriarcado. Como prova, basta que vejamos os índices de feminicídio, violência doméstica, exploração sexual, tráfico de mulheres e de meninas nos noticiários, dia após dia. Já podemos votar, temos acesso à escola, trabalhamos fora de casa e transitamos pelo ambiente público e pela Universidade, porém, ainda temos a nossa liberdade cerceada, singularmente no campo sexual.

Dito isso, passemos ao tema aqui trazido, objetivando lançar luz sobre o percurso feminino – de musa à pena – nas artes em geral e, com mais ênfase, na Literatura, quanto ao silenciamento e apagamento sistemáticos e históricos de inúmeras beletistas nordestinas. Para isso, detalho minha trajetória como membra fundadora no Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que tem como foco o resgate de tais mulheres e outras mais; e um breve panorama acerca da *erotica verba* nas literaturas ocidental e nacional com o fito de compreender o trabalho da escritora cearense contemporânea Regine Limaverde que, em decorrência de um *blackout* patriarcal que amordaçou – e ainda amordaça – as mulheres secularmente, mantém-se desconhecida do grande público até mesmo no Ceará, onde ela nasceu. Ao dar gênese a formas

de materialização literária da pornografia em sua poética, a escritora enfatiza a resistência e o questionamento, que são ingredientes típicos desse estilo literário.

Começamos esse percurso apresentando a dicotomia entre a mulher como musa de um homem que escreve e sua distância da pena, sendo uma escritora, uma mulher que usa da pena para se expressar.

1 A MULHER EM SUAS REPRESENTAÇÕES DE MUSA E DE ESCRITORA: UM VÁCUO QUE AINDA PERSISTE

Em 1929, Virginia Woolf, em seu emblemático ensaio *Um teto todo seu* (1985), enfatiza que a maior necessidade das mulheres para conseguirem escrever, além de dinheiro, é ter a privacidade e o silêncio de um cômodo da casa que seria “todo seu” –, o que era praticamente impossível para a grande maioria das mulheres de então. Para elucidar a leitura, ela cita a existência de uma possível irmã de Shakespeare que, assim como este, tendo a mesma educação, também poderia ter sido uma grande celebridade das letras.

Por que não o foi? Porque pelo fato de ser menina, recebera outros ensinamentos, os quais a enquadraram na posição de musa, não de autora. A posição da mulher como musa vem sendo ressignificada muito lentamente com o passar dos séculos e com as conquistas feministas. Mas não o bastante. Hodiernamente, essa realidade não mudou muito em vários campos da vida feminina. Sublinho o campo das Artes porque é com ele que me identifico mais. Para ilustrar, trago dados de uma pesquisa apresentada pelo Grupo Guerrilla Girls (Trigo, 2018): apenas 6% das obras expostas no Museu de Arte de São Paulo (MASP) foram pintadas por mulheres, entretanto, 60% do acervo retrata nus femininos. A pergunta que fica é: **As mulheres precisam estar nuas para entrar no museu?**

Na arte literária não é diferente. O escasso número de nomes femininos no cânone da Literatura Ocidental – em 120 edições, apenas 17 mulheres foram laureadas com o Prêmio Nobel – escancara a distância entre estas e a pena no decorrer da História. Até o século XX, como é possível ver na representação feita no filme *Mother!* (2017), éramos objetos e não sujeitos ativos na construção da cultura de nosso país, inclusive na Literatura, o que se dá pelo afastamento das mulheres da escola e da alfabetização, bem como pela sua limitação às tarefas domésticas, pela maternidade compulsória e pela total dependência financeira com relação ao marido.

Na película citada, para quem não a assistiu (com *spoiler*), sem nomes próprios para que sejam universalizados, a esposa e o seu marido poeta, bem mais velho, vão morar em uma casa

de campo para que ele consiga quebrar o seu bloqueio criativo na escrita. Tudo parece bem até que a relação se torna possessiva. Desse modo, ela também está bloqueada para o mundo de fora, tornando-se um “modelo exemplar” de mulher, uma verdadeira “Amélia”, como dita o cancionário popular brasileiro na voz de Aaulfo Alves e Mário Lago (Alves; Lago, 1942). Nesse contexto, o marido a coloca como pivô na sua busca incessante pelo ressurgimento de alguma inspiração literária, como uma “musa clássica”.

Na sequência, a personagem engravida. Durante a gestação, descobre que outras “musas” já tinham habitado aquela casa, saciando o marido com sua beleza, feminilidade, submissão e obediência. Em associação com o nascimento do filho, o marido consegue dar à luz um novo poema, o que aponta para a necessidade de troca da musa. Voltamos ao ponto zero: outra mulher, no mesmo lugar, o que denota a relação da trama com as escrituras bíblicas, do Gênesis ao Apocalipse, em que a figura masculina, representante de Deus – onipresente, onipotente e onisciente –, confirma a “dita” superioridade dos homens em relação às mulheres desde Adão e Eva.

Tencionado sair eu mesma da condição de musa e tomar a pena, apropriando-me de minha própria escrita, por meio dos estudos no campo da Literatura, a vida me levou a conhecer, inesperadamente, um caminho para alcançar essa meta. Sobre esse encontro detalho a seguir.

2 MINHA EXPERIÊNCIA COM O ESTUDO DA LITERATURA PRODUZIDA POR MULHERES NO GRUPO DE ESTUDOS FILHAS DE AVALON

Com base em tais questionamentos, relato aqui o universo da arte literária, minha área de estudos. Uma vez que este dossiê reúne trabalhos de pesquisa científica sobre o universo das literatas nordestinas silenciadas pelo Cânone Literário Brasileiro, traço nessas linhas a minha experiência enquanto Filha de Avalon e estudiosa da Literatura de Autoria Feminina, afunilando meu olhar para uma intelectual cearense que escreve na língua de Eros, mas que é tão desconhecida como tantas escritoras nordestinas atuais e pretéritas: Regine Limaverde.

Sou Licenciada em Letras Português-Inglês pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR), com Mestrado em Estudos Literários pela Universidade de Franca (Unifran) e Doutorado em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista (Unesp/FCLAr). Interessei-me pela *erotica verba* ainda na graduação, quando percebi que a pornografia literária não me saciava artisticamente como eu gostaria. O motivo: eu estava sempre, como mulher, no lugar de musa, portanto, nunca como autora. Aliás, não havia autoras. Notava, nas narrativas, o teor machista na construção das personagens femininas – sempre “belas, recatadas e do lar”

–, tal qual, erroneamente, ensinam-nos os contos de fadas. Além disso, é relevante investigar a pornografia na Literatura, uma vez que o seu valor artístico nem sempre tem sido reconhecido e explorado devido ao seu caráter de interdito, o que a coloca na marginalidade.

Do ponto de vista de minha trajetória acadêmica, cheguei a 2020, ano em que o mundo vivenciava a fase mais mortal da pandemia de COVID-19 e, coincidentemente, o ano em que defendi a minha tese. A partir dessa finalização, senti o meu interesse pelo estudo da Literatura esmaecer dias após ter recebido o tão aguardado diploma de “Doutora”. Como aconteceu de forma generalizada, em vista do isolamento social, também passei a navegar mais pela *web* e, de repente, deparei-me com um convite aberto no Facebook para inscrição em um Grupo de Estudos chamado Filhas de Avalon, que tem como escopo o resgate de mulheres beletristas que tiveram a sua caminhada literária fagocitada pelo patriarcado. Perfeito! Rapidamente inscrevi-me, já ciente de que as aulas, ou melhor, os encontros (porque há trocas verdadeiramente democráticas aqui, onde somos todas e todos participantes em tudo) seriam *on-line*, transmitidos de Fortaleza, mediados pela Profa. Dra. Yls Rabelo Câmara, ora Professora Visitante na Universidade Estadual do Ceará (UECE), e desde o início, a criadora e a mentora dos estudos desenvolvidos por nós.

Costumo dizer que ter encontrado esse convite aleatório e desprezioso em meio a minha *timeline* resultou em uma catarse inesperada para o coletivo que a ele aderiu – e que não sabia ainda, incluindo a nossa líder, quão necessário seria, frente ao caos pandêmico que vivíamos no momento, aliado ao completo caos político que sobre nós se abateu no Brasil durante quatro intermináveis anos, alimentado pelo fascismo que nos fora imposto, somado às aberrações atreladas a ele e das quais fomos vítimas – **principalmente o Nordeste**, que mesmo não apoiando nenhum dos desmandos impingidos por um governo extremamente inapto e depauperante, sofreu ainda mais negligência por parte do Poder Público do que de costume. Em outras palavras: o Grupo de Estudos Filhas de Avalon foi-nos um lenitivo, um alento, um momento de crescimento acadêmico em conjunto quando mais o necessitamos! Ter aderido a essa plêiade deu-nos, naqueles momentos plúmbeos, a esperança de dias melhores. Foi assim que semanalmente, sempre às quintas-feiras, de 15h às 18h (horário de Brasília), uma centena das quase trezentas pessoas que entraram como membras e membros naquela I Edição, a de estreia, desfrutaram dos conhecimentos repassados de maneira generosa e magistral pela líder e suas/seus convidadas/os e por Filhas e Filhos de Avalon que se voluntariaram para fazê-lo.

Aqui há que se explicar que essas são pessoas que jamais se viram pessoalmente e que provavelmente jamais se conhecerão fora do mundo virtual, do ambiente *on-line* que se criou para recebê-las e mantê-las em comunicação, uma vez que vivem em oito países distintos

(Brasil, Portugal, Espanha, França, Holanda, País de Gales, Colômbia e Egito), mas se uniram por meio de nossa líder e do ciberespaço – provido por uma de nossas parcerias acadêmicas com outro canal no YouTube, o então Plurissaberes e hoje Cocriando¹, da Universidade Federal do Ceará (UFC) – em torno do estudo da vida, da obra e da fortuna crítica de mulheres inspiradoras, que saíram da condição de musas e fizeram muito bom uso da pena.

Para muitíssimo além desses momentos em forma de aulas-encontros, nas quais mergulhamos no universo de cada uma das beletistas selecionadas para serem analisadas em cada Edição, orientadas/os por nossa mentora em parcerias internas dentro do Filhas de Avalon, a partir de nossas preferências quanto à escritora escolhida por nós para estudo em cada ano, unimo-nos, por um lado, para elaborar e ministrar as aulas-encontros (todas sempre gravadas no momento em que ocorrem e, a seguir, disponibilizadas em nosso canal no YouTube), e, por outro, para elaborar colaborativamente a confecção de artigos e ensaios.

Dessa parte prática, na I Edição (2020/2021), escrevemos juntas/os e publicamos, pela Editora Diálogos, em 16 de fevereiro de 2023 (Dia da Deusa Victoria), **TRINTA E SETE TRABALHOS ACADÊMICOS EM DOIS E-BOOKS**: trinta e dois artigos e cinco ensaios. O Volume I² contém artigos e ensaios sobre algumas autoras internacionais por nós estudadas nas aulas-encontros (com textos em português, inglês e espanhol, prefácios em inglês e espanhol e posfácios em árabe e português – estes últimos, em línguas estrangeiras, foram escritos por Doutores em Letras e Filhos de Avalon que ensinam na Cardiff University [País de Gales] e na Aswan University [Egito], respectivamente). O Volume II³ contém artigos e ensaios que analisam escritoras nacionais e foi prefaciado e posfaciado, a convite da Dra. Yls Rabelo Câmara, por duas pesquisadoras da Literatura de Autoria Feminina que têm prestígio tanto aqui no Brasil, como em Portugal, Angola, Cabo Verde e Irlanda.

Assim, em 13 de agosto de 2020, demos início à nossa faina e missão, escrevendo, inscrevendo e resgatando incansavelmente os nomes de dezenas de autoras brasileiras e estrangeiras – mais de 60 delas, a bem da verdade –, participando ativamente de eventos acadêmicos como convidadas/os e organizadoras/es e, principalmente, publicando massivamente de forma colaborativa em periódicos científicos, *e-books* e anais de eventos

¹ Atualmente, o Filhas de Avalon possui o Cocriando, então Canal Plurissaberes, da Universidade Federal do Ceará (UFC), e o Grupo de Estudos em Literatura, Gênero e Psicanálise (LIGEPSI), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como parceiros acadêmicos (Nota da Autora).

² Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/das-brumas-a-luz-escritoras-internacionais-em-pauta/> Acesso em: 29 dez. 2023.

³ Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/das-brumas-a-luz-escritoras-nacionais-em-pauta/> Acesso em: 29 dez. 2023.

acadêmicos. Em uma palavra, tudo: no Grupo de Estudos Filhas de Avalon, todas e todos têm iguais oportunidades de pesquisar, aprender, ensinar e publicar.

Há que se somar a essas credenciais, as premiações que temos ganhado, especialmente nos encontros científicos anuais da Universidade de Fortaleza (Unifor), nos quais em 2021 e 2022, tiramos o 1º, o 2º e o 3º lugares em várias categorias e nossas/os Filhas e Filhos de Avalon premiadas/os ganharam, além do prêmio físico (um *tablet*), o nome no Quadro de Honra.

Durante essa caminhada de três anos até agora, na I Edição, apresentei uma aula sobre a filósofa francesa Simone de Beauvoir e escrevi um artigo a respeito das “velhas assanhadas” da escritora paulista Hilda Hilst em parceria com nossa líder e com uma parceira acadêmica do Grupo (Pugina; Câmara; Silva, 2023). Esse foi publicado no Volume II supra mencionado (Câmara, 2023).

Na II Edição (2021/2022), a minha aula foi sobre a autora carioca de *fin de siècle* Júlia Lopes de Almeida, e escrevi em colaboração com nossa líder mais um trabalho científico: desta vez, um artigo acerca do erotismo presente em um dos contos de Almeida e que está em processo de publicação.

Na presente Edição⁴ (2023/2024), a minha aula versou sobre a vida e a obra da pintora mexicana Frida Kahlo e o meu artigo, a concretização da parte prática desta feita, tem como mote a paixão erótica que a artista imprimiu em sua epistografia (Zamora, 1999), ainda pouco explorada no campo dos Estudos Literários. Como resultado, no final do primeiro semestre de 2024, publicaremos um dossiê com artigos que versam acerca de algumas mulheres singulares não beletistas que as artes eternizaram e que foram por nós fomenageadas nessa III Edição, ainda em curso. Essa coletânea está sendo organizada pelo liame acadêmico que construímos a Dra. Câmara e eu e contará com aproximadamente 13 trabalhos – sendo alguns deles em inglês e espanhol. A proposta é lançá-la como número especial em uma revista científica.

Havendo exposto minha total aderência a esse projeto redentor, de emancipação feminina – que é o cerne, o escopo e a razão de ser do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, do qual honrosamente faço parte –, explico, ato seguido, um pouco da trajetória da literatura erótica.

⁴ *In memoriam* de Rodrigo Amorim. Esta Edição Especial comemora o terceiro aniversário do Grupo de Estudos Filhas de Avalon, que tanto homenageia, por um lado, este Filho de Avalon, encantado que foi em 21 de fevereiro deste ano, 2023 – cinco dias após havermos publicado nossos primeiros *e-books*, em um dos quais ele escreveu um capítulo –, como fomenageia, por outro lado, dez mulheres não literatas que a Arte e a Literatura imortalizaram (Nota da Autora).

3 DESMISTIFICANDO A LITERATURA ERÓTICA EM BREVES LINHAS

Devido ao meu interesse acadêmico, recorrentemente, enfrento embates. Muitas pessoas desconhecem o erotismo literário e, como efeito, confundem-no com a pornografia de “massa”, que é facilmente encontrada no ciberespaço. Em vista disso, cabem aqui alguns esclarecimentos. O conceito de erotismo nos remete à Antiguidade Clássica. A obra *O Banquete ou Do Amor*, de Platão (1995), datada de 385-380 a. C., é o mais antigo texto sobre erotismo de que temos notícia no Ocidente. Depois deste, toda a literatura pornográfica europeia resume-se a um grupo de obras-primas de origem grega, latina, francesa e italiana, dentre outras.

A partir dessas leituras, todo o restante das obras ditas eróticas bebe dessas fontes porque são reincidências da tradição fixada por alguns autores do gênero – todos homens, claro. A única mulher foi Safo, nascida entre 630 a. C. e 604 a. C. e falecida em 570 a. C. Essa poetisa grega viveu na Ilha de Lesbos e também teve a sua produção silenciada. Já na cultura romana, originária dos povos latinos como nós, a obscenidade tinha fins de escárnio, como se pode verificar no *Satyricon*, de Petronio (1981), escrito no século I d. C., que zombava das obras de Homero.

Centenas de anos depois, na França Iluminista, entre os séculos XVII e XVIII, temos a sistematização da palavra obscena na escola libertina; como expoente, está a vasta obra do Marquês de Sade⁵. Outro exemplo é a obra *Os 120 dias de Sodoma* ou *A escola da libertinagem* (Sade, 2011), escrito em 1785 – narrativa em que quatro aristocratas seguem para uma jornada em que são apresentados 600 tipos de práticas de sexo – o que seria humanamente impossível –, orgias e assassinatos com 46 vítimas, que são majoritariamente mulheres. Paralelamente ao desenvolvimento da escrita pornográfica, com base na ciência renovada do Iluminismo, surgiu o movimento da libertinagem como uma forma de expressão da revolta da aristocracia contra a pregação moral e o fechamento ideológico religioso, o que, basicamente, segue a trajetória da pornografia.

De Petronio em diante, verificamos que a escrita erótica tem sido, historicamente, um meio expressivo de difundir o livre-pensamento, a heresia, a ciência, a filosofia natural, a insatisfação frente às autoridades absolutistas e à igreja, as críticas às relações de poder que emanam do sexo e a hipocrisia social. Infelizmente, esse caráter inquiridor da literatura

⁵ Simone de Beauvoir (1961), no artigo “Deve-se queimar Sade?”, diz que, do ponto de vista filosófico, o marquês só escapa da banalidade para submergir na incoerência exatamente porque usa as mais diversas referências, o que ocasiona um tom de ambiguidade: em um momento, o autor trabalha de forma alinhada com os conhecimentos enciclopédicos, em outro, questiona-os tenazmente – daí ele ter inaugurado uma forma de pensamento própria, que não se baseia na coerência (Nota da Autora).

pornográfica se perdeu, de fato, na passagem do século XIX para o século XX e, com o advento da *internet*, intensificou-se no século XXI.

Nesse momento, ela possui a única finalidade de excitar a/o leitora/or para que esta/e possa satisfazer suas necessidades imediatas no campo da sexualidade, resumindo-se à rasa representação das zonas erógenas humanas, retratadas em um leque de posições e malabarismos. Dessa forma, perdeu a sua dimensão crítica para ser somente utilitária. Por isso, na contemporaneidade, não há mais clandestinidade: a pornografia foi absorvida pela lógica capitalista, dá lucro e, por consequência, pode funcionar paralelamente a tudo o que é oficial.

Para ilustrar, temos *Cinquenta tons de cinza* (2011), *Cinquenta tons mais escuros* (2011) e *Cinquenta tons de liberdade* (2012), de Erika Leonard James (2012a; 2012b; 2012c). Os romances apresentam a história de amor entre Grey e Anastasia. Dessa forma, o erotismo vem vestido com uma capa romântica, o que facilita a sua tolerância social⁶. A trilogia tornou-se *best-seller* no mundo todo e impulsionou muitas outras narrativas na mesma linha. Esses romances primam pelo sexo “mais apimentado”, mas não abandonam a velha receita do amor cortês e romantizado, tal qual ocorre no cânone dos contos de fadas, o que se vê também na obra *Crepúsculo*⁷ (2005), de Stephanie Meyer (2008a; 2008b; 2009a; 2009b), que estiliza as clássicas narrativas de amor proibido, perpassando por *Romeu e Julieta* (1597), de William Shakespeare (2010); *Tristão e Isolda* (1865), de Richard Wagner (2011); e *A Bela e a Fera* (1740), de Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve (2016) – esta última, motivadora da escolha do nome da protagonista.

O tempero, nessas obras, é, via de regra, o vampirismo, dado historicamente pelas criaturas mais sedutoras dentre os seres das trevas. O vermelho do sangue, a mordida no pescoço, o traço notívago e a própria ideia de pecado aproximam os vampiros de um mundo dionisíaco. Entretanto, em *Crepúsculo*, são celibatários e vegetarianos – o que contraria e filtra o cânone. Este fora iniciado com *Drácula* (2002), de Bram Stoker, escrito em 1897, e que empresta uma atmosfera ainda mais soturna e enigmática à figura lendária de uma personagem histórica cultuada na Romênia como herói, mas que foi manchado na Arte com a pecha da vilania: o Conde Drácula, Vlad Țepeș. Dito de outro modo, Anastasia e Bela são musas.

⁶ O estudioso Dominique Maingueneau (2010) define que a pornografia na Literatura é dividida em três tipos: a primeira mostra o sexo conforme os dogmas da coletividade, sem “anormalidades”; por isso, é dominante. A segunda retrata práticas sexuais lícitas do ponto de vista legal, apesar de que, majoritariamente, o ato sexual pode acontecer em grupos, com animais, autoridades religiosas, de forma agressiva, entre pessoas das mais diversas orientações sexuais, gêneros e mais. Já o terceiro tipo abarca as práticas que transgridem não somente as normas sociais, como também as leis (Nota da Autora).

⁷ Os demais livros que formam a tetralogia são: *Lua Nova*, de 2006; *Eclipse*, de 2007; e *Amanhecer*, de 2008 (Nota da Autora).

De novo, transparece a necessidade de aproximação entre narrativas divergentes, feita de forma forçosa quanto à hierarquização social: nem o sadomasoquismo nem o vampirismo privilegiam a moralidade; ao contrário, ao desafiá-la, propõem um mundo às avessas, livre de interdições. Como é notável, a pornografia de massa – mesmo na Literatura – é uma forma de manter os ideais patriarcais funcionando, como a domesticação feminina, o casamento e a instituição familiar, repetindo os dogmas de superioridade masculina.

Ademais, como mencionado acima, o acesso a esse material é cada vez mais facilitado no ciberespaço, em sua infinidade de *sites* de vídeos “pornôs” profissionais e caseiros, em que corpos amalgamados cumprem os enquadramentos coletivos e sexistas quanto aos padrões, causando, assim, o contentamento sexual momentâneo da/o espectadora/or relativo aos “princípios” compartilhados pelos filmes.

Como forma de evasão desse processo, mulheres têm surgido no cenário editorial da escrita de Eros no Brasil. Mas ainda são pouquíssimas as que se enveredam pelos meandros da pena erótica. Na próxima seção, apresento essa realidade em termos nacionais.

4 ALGUNS PASSOS DA LITERATURA ERÓTICA NO BRASIL E A LACUNA DAS MULHERES NESSA SEARA

É válido lembrar que o erotismo permeia a Literatura Brasileira desde Gregório de Matos, mas teve o seu delineamento facilitado durante e após a Semana de Arte Moderna de 1922. No período, acompanhamos o nascimento da palavra obscena de Oswald de Andrade e, em contraste, a erótica elegante de Bandeira, o que se dá também pela comicidade, pela escatologia e pela paródia. Passeando pela face brasileira de Eros, temos Augusto dos Anjos, Murilo Mendes, Jorge Amado, Dalton Trevisan, Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina César, Caio Fernando Abreu, Cassandra Rios, Hilda Hilst, Rubem Fonseca, João Ubaldo Ribeiro e Glauco Mattoso, dentre outras manifestações literárias.

Como exemplos da escrita pornográfica na nossa literatura, na linha do sadomasoquismo, na atualidade, temos a *Antologia M(ai)S sadomasoquista da literatura brasileira*, organizada por Antonio Vicente Seraphin Pietroforte e Glauco Mattoso (2008). As obras recolhidas pertencem a: José de Alencar, Machado de Assis, Valentim Guimarães, Cruz e Sousa, João do Rio, Augusto dos Anjos, Pedro Xisto, Wilma Azevedo, Glauco Mattoso, Delmo Montenegro, Claudio Daniel, Antonio Vicente Seraphin Pietroforte, Joca Reiners Terron, Marcelo Sahea, Virna Teixeira, Luiz Roberto Guedes, Horácio Costa, Del Candeias, Frederico Barbosa, Ana Rüsche, Dirceu Vila, Contador Borges, Marcelo Tápia, Luís Venegas,

Ivana Arruda Leite, Leila Miccolis, Renata Belmonte, Flávia Rocha, Adelize Souza, Léo Pinto, Ceguinho do Ceará, Victório Verdan, João Silvério Trevisan, Hugo Guimarães, Gustavo Vinagre, Ronaldo Bressane, Pedro Tostes, Marcelo Mirisola, Caco Pontes, Mario Bortoloto, Ademir Assunção, Marcelino Freire, Leandro Leite Leocadio e Berimba de Jesus. Vale ressaltar que a presença feminina na estética sadomasoquista também é mínima: dos 44 textos, apenas oito foram assinados por mulheres.

No âmbito do verso, temos a *Antologia da poesia erótica brasileira*, lançada em 2015, por Eliane Robert Moraes. São cerca de 350 poemas datados dos últimos quatro séculos e escritos por autoras e autores muito conhecidas/os do grande público, tais como: Gregório de Matos, Gonçalves Dias, Carlos Drummond de Andrade, Ana Cristina César, Hilda Hilst, Murilo Mendes, Vinicius de Moraes, Mário Quintana, João Cabral de Melo Neto, Roberto Piva, Arnaldo Antunes, Francisco Moniz Barreto, Múcio Teixeira, Max Martins, Dora Ferreira da Silva, Francisca Júlia, Moysés Seyson, Emiliano Pernetta, Belmiro Braga, dentre outras e outros. Do total, apenas 18 são de autoria feminina.

No âmbito da narrativa, há a coletânea *O corpo descoberto*, lançada em 2018, também organizada por Eliane Robert Moraes. Dela, constam 53 contos brasileiros eróticos publicados de 1852 a 1922, cujas/os autoras/es são: Afonso Arinos, Aluísio Azevedo, Álvares de Azevedo, Coelho Neto, Couto de Magalhães, Cruz e Sousa, Domício da Gama, Gentil Homem de Almeida Braga, Gonzaga Duque, Inglês de Sousa, José Veríssimo, João do Rio, Júlia Lopes de Almeida, Lima Barreto, Machado de Assis, Mário de Andrade, Medeiros e Albuquerque, Nestor Victor, Olavo Bilac, Oscar Rosas, Raul Pompeia e Valentim Magalhães. Como nas outras antologias citadas, as beletistas são raras, pois, do total, somente dois contos foram assinados por uma única mulher: **Júlia Lopes de Almeida**.

Há que se abrir parênteses aqui para se retomar essa escritora. Júlia Lopes de Almeida, nascida no Rio de Janeiro em 1862 e falecida também no Rio de Janeiro, em 1934, foi uma de nossas beletistas mais subestimadas. Única dentre os organizadores da então ainda não fundada Academia Brasileira de Letras, foi retirada do quadro de Imortais que a inaugurariam, quando se esperava que ela formasse parte do seleto grupo de fundadores. A desculpa foi a de que mulheres não eram admitidas na Academia Francesa de Letras; portanto, tampouco o seriam na nossa, idealizada que fora à sua imagem e semelhança. Sabemos que não foi por isso, inclusive porque ela se destacava no campo da literatura erótica, desafiando a moral de um Brasil recém-entrado na República, mas ainda com o positivismo sexista a lhe nortear. Como consolo, achou-se por bem entronizar o marido de Júlia em seu lugar, Filinto de Almeida, um poeta luso-brasileiro que, nem de longe, se igualava a ela em termos de qualidade literária.

Volvendo nosso olhar para o tema em discussão, ao observarmos apenas as duas coletâneas supracitadas e restritas ao erotismo, vemos que as mulheres foram e ainda são/estão impossibilitadas de tomar a pena para si. Desse modo, seguem na condição de musas. Como amostra, voltando agora ao Grupo de Estudos Filhas de Avalon, em meio a tantas autoras silenciadas, tive vários momentos de surpresa e indignação, mormente quanto às escritoras nordestinas – com exceção de Rachel de Queiroz –, as quais **nunca** foram abordadas em minha vida escolar nem na carreira acadêmica, da graduação ao doutorado, fato este que só reafirma o *blackout* histórico pelo qual todas elas passaram da Colônia até a atualidade.

Como paulista, tendo vivido no interior de São Paulo a maior parte de minha vida, com exceção de uma temporada passada fora do país, em Lisboa, chocou-me não haver sabido, até o momento de nossas aulas-encontros em nosso Grupo de Estudos, sobre a existência de autoras nordestinas destacadas e do quilate de Nísia Floresta (1810-1885) e Auta de Souza (1876-1901), do Rio Grande do Norte; Maria Firmina dos Reis (1825-1917), do Maranhão; Adélia Fonseca (1827-1920), da Bahia; Adelaide de Castro Guimarães (1854-1940), Emília Freitas (1855-1908), Francisca Clotilde Barbosa de Lima (1862-1935) e Natércia Maria Alcides Campos (1938-2004), do Ceará, dentre muitas outras. Deixo claro que essa não é uma condição singular, mas plural: são intelectuais que o público paulista desconhece – e arrisco-me a afirmar que essa insciência se estende pelo país adentro. Em suma: o Brasil não as conhece. Ou não as conhece como elas merecem ser conhecidas.

Como mencionado, a minha área de interesse tem sido sempre a *erotica verba* e, por isso, debrucei-me na busca por um nome feminino que pertencesse ao Nordeste para que eu pudesse fazer parte deste dossiê como colaboradora, como a autora que sobrepuja a imagem de musa, emprestando minha pena para fomenagear essas artistas da palavra tão menosprezadas.

Buscando esse nome que representasse a *erotica verba* entre as autoras nordestinas pouco conhecidas na/da atualidade, surgiu-me Regine Limaverde, até então completamente ignota para mim e creio que para a leitora/o leitor também. Faço jus à sua grandiosidade fomenageando-a no último item desse relato de experiência, expondo um pouco de sua vida e de sua trajetória.

5 NORDESTINAS QUE ESCREVEM ATUALMENTE NA LÍNGUA DE EROS: EM EVIDÊNCIA, A CEARENSE REGINE LIMAVERDE

Nascida em Fortaleza em 1947, é poetisa, contista, professora e bióloga. Até agora, publicou 20 livros, dentre os quais, 14 são coletâneas de poemas, 3 são de contos, 2 são de

memórias de viagens e apenas 2 são científicos. Faz parte da Academia Cearense de Letras, da Academia Cearense da Língua Portuguesa e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Como escritora, foi laureada com o Prêmio Estado do Ceará em Poesia (1983), o Prêmio Osmundo Pontes (1997) e o Prêmio Gente de Bem Fica para Sempre (2000). Na área acadêmica, é, Professora Titular do Curso de Engenharia de Pesca e pesquisadora do Instituto de Ciências do Mar da UFC, Doutora em Microbiologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestra em Tecnologia do Pescado pela UFC. Ou seja: **É UMA INTELLECTUAL DE GRANDE IMPORTANCIA NA LITERATURA E NA CIÊNCIA** – tal como o foram a britânica Ada Lovelace e a estadunidense Rachel Carson, dentre tantas outras e que passam por nós deixando muito e levando pouco.

Em 1980, ela entrou no cenário literário com a obra poética *Rio em cheia*⁸. Depois, vieram: *Ressurgências* (1982); *Estrela de vidro* (1984); *Mar de Sargaços* (1985); *Poemas quaternários* (1990); *As leves e duras quedas do amor* (1992) – seu primeiro livro de contos; *Kaleidoscópio* (1995); *Uma cearense na terra dos BITTE SCHÖN* (1997); *O Canadá é bem ali* (2000); *Se me contam eu conto* (2003); *O limo e a várzea* (1998); *Mais coração do que carne e osso* (2005); *Ritos do entardecer* (2007); *Formas de amor: luxúria* (2009); *Eternas lanternas do tempo* (2012); *Canção do amor inesperado* (2014); *Dentro de mim, o mar* (2017); *Mudança de estação* (2019) e *Contares estórias amorosas e maliciosas nos tempos de pandemia* (2020). No conjunto de suas obras, entrevejo o erotismo, que se dá pela via do enaltecimento da lubricidade feminina, sem rodeios.

No geral, as vozes de Eros na escrita de Regine Limaverde são um rompante à política patriarcal que rege a sociedade brasileira desde o Brasil Colonial. Sob essa égide, o falocentrismo impera. Assim, como visto da Antiguidade Clássica até o Iluminismo, as mulheres são sempre musas, pois nunca detiveram a pena em suas mãos para materializar os seus anseios na arte literária – ainda menos quando entramos nos domínios da lubricidade. Ou seja: nossos desejos são sempre os do Outro, no caso, dos homens que “nos escrevem” historicamente. Nesse ponto, retomo a obra seminal de Simone de Beauvoir (1967): somos sempre o “Segundo Sexo” em relação à identidade masculina.

Ao questionar o machismo enraizado em nossa cultura, os textos de Regine extrapolam as imagens femininas que são edificadas por meio de parâmetros masculinos – virgindade, casamento, maternidade, obediência ao marido, heteronormatividade e monogamia, dentre

⁸ É relevante mencionar que as obras de Regine Limaverde referenciadas neste trabalho foram citadas por Pereira Filho (2021), haja vista que nem todas tiveram as suas referências bibliográficas encontradas (Nota da Autora).

outras –, invertendo-os, ou melhor, iniciando um processo de desconstrução destas com vistas a reconstruí-las pela ótica feminina. Desta maneira, os corpos das mulheres, objetificados e subjugados pela misoginia, logo, invisibilizados em sua subjetividade – revisitando Simone de Beauvoir (1967) –, porém, superexpostos em suas reentrâncias e cavidades, reaparecem em nova roupagem nessa poética, o que subverte o poder patriarcal que os restringem a carnes submissas e manipuláveis. De outro modo, em Regine Limaverde, o ato sexual possui o único objetivo do prazer, o que também é contrário à ideologia repassada às mulheres tradicionalmente, de geração em geração.

Para isso, constata-se que o léxico da luxúria, presente na obra da autora selecionada, parte de qualquer lugar, uma vez que a palavra pode erotizar-se e ser erotizada, perdendo, assim, a inocência e a aparente neutralidade que enforma as musas secularmente. Destarte, a palavra erótica enriquece o sexo e tudo o que o rodeia, operando pelas hipérboles e pelas metonímias, pois consiste em “enquadrar para fotografar” o ato por meio do jogo da sedução para alcançar o prazer do sexo, sem interrupção e sem fins reprodutivos, aludindo a uma dimensão artística oriunda de uma aptidão para subentender, brincar com ambiguidades e inventar polissemias eróticas. Tem-se, como resultado, a criação de uma atmosfera excitante, o que define, de forma acentuada, o erotismo literário.

Em vista disso, a obra de Limaverde, ao recriar o corpo feminino em *corpus* literário, torna-o emancipatório dentro de um contexto político e social de apagamento e inequidade, haja vista que a mulher, sempre vista como coadjuvante no ato sexual, é colocada no centro da busca pelo prazer, o que denota uma inquietação relacionada à liberdade feminina. Em analogia ao sexo, a escalada de musa à pena. Nesse jogo, como arremate, há ainda a inquirição de tabus sexuais, sendo que o maior deles – desculpem-me pela obviedade – é o desejo, por meio do qual uma “Eros-mulher” resiste na arte verbal nordestina e contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um relato de experiência aos moldes de um artigo, tal como posto no título, que reúne revisão de bibliografia aliada à escrita de cunho autobiográfico, relatando minha experiência quanto aos temas aqui aludidos enquanto Filha de Avalon, enquanto letróloga, enquanto pesquisadora da literatura erótica feminina.

Quanto à emancipação feminina de musa à pena, para respondermos às imposições coletivas, mantemos, muitas vezes, a nossa sexualidade cambaleando entre os lados do binarismo que ainda teimam em existir em nosso meio: exercer a nossa liberdade individual e

sermos tachadas como vadias ou nos anular e sermos vistas como exemplos de retidão moral? Tal definição maniqueísta realiza-se como uma forma potente de controle das vontades femininas.

Talvez, por ser consciente a respeito da existência dessas “armadilhas” misóginas, Regine Limaverde intenta subverter o jogo. Assim, na poética selecionada, o erotismo, em seu sentido nato de transgressão, é empregado como forma de resposta ativa e de enfrentamento aos padrões impostos a nós na busca por rupturas de regras sociais sexistas, as quais ainda são notadamente duplicadas e recriadas – em especial, em relação à obediência, que é vista como moeda de troca pela aceitação masculina, o que reforça a nossa dependência financeira e emocional, tal qual nos apontou Virginia Woolf (1985).

Mesmo sendo uma beletrista contemporânea e extremamente prolífica, constatamos que Regine Limaverde não é tão conhecida como supúnhamos em seu próprio *locus* de origem, o Ceará. Portanto, minha dúvida enquanto investigadora na área dos Estudos Literários e como Filha de Avalon, mas principalmente como leitora e como mulher é: se essa escritora pautasse seu fazer literário em outros gêneros da Literatura e não fosse nordestina, seria mais conhecida? Reflitamos...

REFERÊNCIAS

ALVES, A.; LAGO, M. *Ai, que saudades da Amélia*. Rio de Janeiro: Odeon, 1942.

BEAUVOIR, S. de. “Deve-se queimar Sade?” In: SADE, M. de. *Novelas do marquês de Sade*. Tradução de Augusto de Sousa. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

BEAUVOIR, S. de. *O Segundo Sexo – a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. Vol. II. São Paulo: Difel, 1967.

CÂMARA, Y. R. (org.). *Das Brumas à Luz: Escritoras Nacionais em Pauta*. Tutóia: Diálogos, 2023. Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/das-brumas-a-luz-escritoras-nacionais-em-pauta/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

JAMES, E. L. *Cinquenta tons de cinza*. Tradução de Maria Carmelita Dias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012a.

JAMES, E. L. *Cinquenta tons mais escuros*. Tradução de Maria Carmelita Dias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012b.

JAMES, E. L. *Cinquenta tons de liberdade*. Tradução de Maria Carmelita Dias. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012c.

LIMAVERDE, R. *Estrela de vidro*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1984.

- LIMAVERDE, R. *Poemas quaternários*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1990.
- LIMAVERDE, R. *As leves e duras quedas do amor*. Rio de Janeiro: Blocos, 1992.
- LIMAVERDE, R. *Kaleidoscópio*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1995.
- LIMAVERDE, R. *O limo e a várzea*. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar. Programa Editorial, 1998.
- LIMAVERDE, R. *Mais coração do que carne e osso*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.
- LIMAVERDE, R. *Ritos do entardecer*. RDS: Fortaleza, 2007.
- LIMAVERDE, R. *Formas de amor: luxúria*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.
- LIMAVERDE, R. *Eternas lanternas do tempo*. Fortaleza: Editora Corsário, 2012.
- LIMAVERDE, R. *Canção do amor inesperado*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2014.
- LIMAVERDE, R. *Dentro de mim, o mar*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2017.
- LIMAVERDE, R. *Mudança de estação*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2019.
- MAINGUENEAU, D. *O discurso pornográfico*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- MEYER, S. *Crepúsculo*. Tradução de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008a.
- MEYER, S. *Lua nova*. Tradução de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008b.
- MEYER, S. *Eclipse*. Tradução de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009a.
- MEYER, S. *Amanhecer*. Tradução de Ryta Vinagre. 2. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009b.
- MORAES, E. R. (Org.). *Antologia da poesia erótica brasileira*. Cotia: Ateliê Editorial, 2015.
- MORAES, E. R. (Org. e Prefácio). *O corpo descoberto: contos eróticos brasileiros (1852-1922)*. Recife: Cepe Editora, 2018.
- MOTHER!* Direção: Darren Aronofsky. 115 min. Estados Unidos da América: Paramount Pictures, 2017. DVD.
- PEREIRA FILHO, A. M. *A poesia como símbolo erótico em Regine Limaverde: uma abordagem crítica e interpretativa*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em História e Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central, Quixadá, 2021.
- PETRÔNIO. *Satyricon*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

PIETROFORTE, A. V. S.; MATTOSO, G. *Antologia M(ai)S sadomasoquista da literatura brasileira*. (Coleção Dix Editorial). São Paulo: Annablumbe, 2008.

PLATÃO. *O banquete ou Do amor*. Tradução de J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

PUGINA, R. L.; CÂMARA, Y. R.; SILVA, A. P. de O. Um olhar analítico sobre o riso e a obscenidade presentes em *Berta & Isabô: um fragmento pornogeriátrico rural*, de Hilda Hilst. In: CÂMARA, Y. R. (Org.). *Das Brumas à Luz: Escritoras Nacionais em Pauta*. Tutoia (MA): Diálogos, 2023. Disponível em: <https://www.editoradiálogos.com/livros/das-brumas-a-luz-escritoras-nacionais-em-pauta/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

SADE, M. de. *Os 120 dias de Sodoma ou A escola da libertinagem*. Tradução de Alain François. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SHAKESPEARE, W. *Romeu e Julieta*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

STOKER, B. *Drácula*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

TRIGO, M. I. *Guerrilla Girls: Mulheres e Museus*. vol. 4, n. 3, mar. 2018. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/contemporanea/2018/03/15/guerrilla-girls-mulheres-e-museus-v-4-n-3-2018/>. Acesso em: 18 dez. 2023.

VILLENEUVE, G. S. B. de. *A Bela e a Fera*. Tradução de André Telles. Prefácio de Rodrigo Lacerda. São Paulo: Zahar, 2016.

WAGNER, R. *Tristan und Isolde*. Organizado por Egon Voss. Stuttgart: Reclam, 2011.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ZAMORA, M. (Org.) *Cartas apaixonadas de Frida Kahlo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.